



Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre Marx e o Marxismo

Marx e o Marxismo 2011: teoria e prática

Universidade Federal Fluminense – Niterói – RJ – de 28/11/2011 a 01/12/2011

TÍTULO DO TRABALHO			
Formação Humana na Contemporaneidade: entraves e possibilidades no contexto de barbárie			
AUTOR	INSTITUIÇÃO (POR EXTENSO)	Sigla	Vínculo
Renata Jardim Coube¹	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro	UFRRJ	Estudante
RESUMO (ATÉ 20 LINHAS)			
<p>Diante do declarado caos vivenciado pela classe trabalhadora na necessidade de escolarizar-se, importa-nos pensar o que está dado como projeto de formação humana para denunciar o processo alienador que, combinado a precariedade em termos de estrutura e recursos, vem mantendo “controlados” sujeitos que deveriam rebelar-se. É importante compreender com clareza o que nos impede de travar o embate e contra quem deveremos lutar. Compreender as especificidades da atualidade do Capital e seu desenvolvimento é a base para entender a falência do sistema educacional responsável pela instrumentalização e consciência do povo brasileiro. Entretanto, o caos da educação escolarizada é reflexo de um quadro de barbárie estabelecido na atualidade do Capitalismo, agora, não somente para as periferias, mas para todo o mundo. Tomando como referência principal os autores, Marildo Menegat e István Mészáros, pretendemos partir de uma imprescindível análise de conjuntura elucidar o perverso projeto econômico administrado na contemporaneidade. A esse passo, a educação direcionada à maioria (compreendendo inclusive como “classe subalterna”, expressão de Gramsci) atende a exigência de uniformizar negando a diversidade, sonhando os conflitos e, igualmente, socializando um silenciamento demasiado importante para a manutenção da ordem instituída. Consequentemente, não aceita os transgressores, não tolera os insatisfeitos com as condições de desigualdade. Este trabalho tem como objetivo maior, refletir a partir dos informes do cotidiano sobre a educação no país, os entraves e as possíveis saídas para recuperar a formação humana no contexto brasileiro da precariedade e da barbárie.</p>			
PALAVRAS-CHAVE (ATÉ TRÊS)			
Educação, barbárie, lutas sociais e formação humana			
ABSTRACT			
<p>In the face of the declared chaos experienced by the working class in need of education, we care to think of what is set as project of human development to denounce the alienating process which, combined with precariousness in terms of structure and resources, has been holding "controlled" subjects that were supposed to rebel. It is important that we clearly understand what prevents us from clashing and against whom we are supposed to fight. Comprehending the specifics of today's Capital and its development is the basis to understand the failure of the educational system blamed for instrumentation and awareness of the Brazilian people. However, the chaos of schooled education reflects a barbarian setting established in the current Capitalism, now, not only for the periphery, but for everyone. Taking authors Marildo Menegat and István Mészáros as main reference, we intend to start from an essential analysis of the conjuncture in order to elucidate the perverse economical project managed nowadays. In this step, education addressed to the majority (understanding as "subaltern class", expression by Gramsci) meets the requirement to standardize denying diversity, concealing conflicts and also socializing a silencing too important for the maintenance of the established order. Consequently, it does not accept transgressors, it does not tolerate those dissatisfied with the conditions of inequality. This paper aims mostly to reflect from the daily reports on education in the country, the barriers and a possible way out to recover the human formation in the Brazilian context of precariousness and barbarism.</p>			
KEYWORDS			
Education, barbarism, social struggles and human formation			

¹ Pedagoga pela Universidade Federal Fluminense-UFF. Mestranda em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares – PPGeduc, pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro-UFRRJ. Integrante do Núcleo de Pesquisas e Estudos em Currículo da Universidade Federal Fluminense-UFF.

Introdução

O sonho de um mundo melhor nasce das entranhas de seu contrário. Por isso corremos o risco de tanto idealizarmos o mundo melhor, desgarrando-nos do nosso concreto, quanto de, demasiado “aderidos” ao mundo concreto, submergirmo-nos no imobilismo fatalista.

Paulo Freire, Pedagogia da indignação.

Este trabalho expressa o anseio em entender a realidade contemporânea e suas consequências avassaladoras sobre a educação na conjuntura da crise estrutural do Capital – tendo como consequência um estado de barbárie. Retomando a afirmativa anunciada na epígrafe: *o sonho de um mundo melhor nasce das entranhas de seu contrário*, ao nos depararmos com a atualidade da barbárie sonhamos com o seu contrário. Para tanto o que podemos fazer de imediato é pensar a sua complexidade e formas de controle desejando encontrar indicações de superação deste sistema econômico que está destruindo gradativamente o planeta.

A Educação no seu sentido mais amplo, como o processo de transformação do homem de acordo com a racionalidade do conjunto social no qual seja pertencente, sua constituição: desenvolvimento físico, intelectual e moral, depende das condições materiais reais para realizar-se potencialmente. Nos sucessivos acontecimentos de desrespeito, violência e banalização da vida diante da tendência em que tudo torna-se mercadoria, no Brasil e no mundo, a realidade se define aniquiladora de nossa humanidade. Seja em estado de miséria generalizada dos países periféricos, seja no conforto das grandes potências capitalistas, de uma forma ou de outra, há negação do homem como ser.

O lamentável contexto de descompromisso do Estado brasileiro com a educação tem justificações na própria lógica do sistema capitalista em sua fase imperialista. A negação supracitada é clara na medida em que observamos paulatinamente a escassez de conteúdos nos currículos, superficialidade no trato com os mesmos, desqualificação do conhecimento e da busca por ele. Ela está marcada, principalmente, na fase de escolarização básica do povo brasileiro. Esta constatação é determinada por interesses políticos e econômicos no contexto de barbárie - *um retrocesso da cultura no qual imergiríamos novamente – sem termos a possibilidade de voltarmos a ser os mesmos – na mais brutal animalidade, só que agora racionalizada* (MENEGAT, 2077).

Não significa considerarmos a educação como redentora, mas ao contrário, criticar a atualidade educacional é despertar para um papel social urgente diante da destruição “qualificada” do planeta. No entanto, é no cerne da classe trabalhadora que observamos a pior situação, pois a

precariedade já tornou-se crônica e impede até a garantia plena do direito constitucional a ela. Cursos cada vez mais rápidos, a distância, assegurados por programas de governo, isto é, sem o compromisso com a continuidade e qualidade ou condições de permanência. Mas, contraditoriamente, nunca houve tanta exigência de comprovação de escolaridade para funções pertencentes à base da classe trabalhadora como a que estamos assistindo hoje. E isso, definitivamente, não tem significado a ampliação da qualidade no ensino ou nas estruturas elementares da escola básica.

Está em curso um projeto de formação humana implementado pelo governo brasileiro há décadas e, significativamente, problemático na atualidade. A própria realidade tem sido um entrave para a constituição do ser e suas potencialidades, na medida em que impõe falsas verdades envolvendo os sujeitos em necessidades imediatas construídas. No lugar da emancipação estamos, todos, numa espécie de transe – como se a única forma de vida possível fosse a luta individual pela sobrevivência nos moldes capitalistas (o que nosso povo faz muito bem – trabalhando), o homem tem se apresentado como *ser adaptado as formas germinais da barbárie* (MENEGAT, 1994), mesmo no momento ápice do desenvolvimento tecnológico e, porque não dizer, das forças produtivas.

Discutir formação humana sem atualizar o desenvolvimento do capital no mundo não é possível. A avaliação de que a regra tem sido de deformação do homem, em se tratando do papel da educação, pode ser percebida por qualquer pessoa que dedique-se a observar comportamentos, opiniões de comuns, ler os noticiários, matricular-se ou a seu filho na Rede Pública de Ensino. A Educação tornou uma valiosa mercadoria, mas para os que não podem pagar caro, resta o desserviço e a desmotivação em aprender. A deformação é experimentada na mesma medida do avanço tecnológico, da potencialidade das forças produtivas e da evidência da forma mercadoria até como eixo das relações entre as pessoas.

A exigência de competência técnica está em muitos casos completamente esvaziada de crítica à racionalidade dominante. E ainda, intensificou-se a falsa ideia de liberdade em que o homem “deformado” no seu processo de constituição como ser, pensa escolher, acredita administrar, enquanto sua vida segue tendências mundiais globais massificadas, inclusive no que diz respeito à manifestação dos nossos desgostos e mazelas políticas. Retomando um trecho dos Manuscritos econômico-filosóficos de 1844: (...) *o homem não se libertou da religião; obteve, isto sim, liberdade religiosa. Não se libertou da propriedade, obteve a liberdade de propriedade. Não se libertou do egoísmo da indústria, obteve a liberdade industrial* (MARX, 2008).

Mas qual é a atualidade do capital? Para tanto, continuaremos trabalhando com as reflexões do professor Marildo Menegat tentando compreender a lógica capitalista ao longo da história e o quanto perverso é o seu desenvolvimento.

O capitalismo entrou numa nova fase desde meados dos anos 1970. Neste período acelerou a afirmação de seu domínio sobre todas as esferas da vida humana e a todas as partes do planeta. Impulsionada por grandes transformações produtivas, esta nova fase representa a sua maturidade – e o auge – enquanto sistema. No mundo não existe outro modo de produção significativo. Estamos todos (de Xapuri a Nova York, de Bangladesh a Paris) unificados numa sociedade produtora de mercadorias. O arcaico, entendido como pré-capitalismo ou o insuficiente desenvolvimento da produção capitalista, está superado. O arcaico que vemos agora espalhado pelo mundo, desde os países periféricos até as periferias dos países centrais, é a própria configuração deste modo de produção. O seu progresso não passa de formas ideológicas de um impressionante retrocesso (MENEGAT, 2008).

Os grandes acontecimentos históricos estiveram atrelados aos interesses econômicos do sistema dominante no mundo. Incentivaram novas explorações de povos e territórios, impuseram hábitos, derrubaram e ainda derrubam líderes totalitários pelo mundo afora, mas nunca em nome da emancipação humana. Quando na ditadura militar, as minorias políticas se articulam, ditam as regras, reprimem, violentam e abusam do poder, estão trabalhando mais uma vez para o grande capital, arquitetando homens submissos, recuados e, somando-se às condições materiais de existência, tornando-os impossibilitados de qualquer reação.

Quando, a partir da apropriação das teorias críticas no campo da economia política, optamos pela ruptura com o abuso de poder e a produção de subalternos caminhamos na direção de uma contra-hegemonia. Lutar no sentido de construir a oposição implica em repensar a relação trabalho/educação, experimentada até hoje, e reescrever um projeto revelador do trabalho como princípio educativo e constitutivo do ser social desligado das relações capitalistas de produção. As condições definidas para a classe trabalhadora nas relações sociais de produção são desvantajosas não só pela posição original dos trabalhadores no sistema capitalista, mas pela intensa desqualificação humana no contexto atual da luta de classes. Olhando adiante, concluímos que a teoria gramsciana se faz pertinente e atual como nunca, pela fidelidade à luta de classes e a formação de intelectuais capazes de intervir na realidade por um projeto contra-hegemônico.

Entretanto, o próprio curso da história, segundo as reflexões dos autores apresentados, mostram não ter saída para a humanidade senão o próprio rompimento com o sistema. Mas a Educação, em especial, a brasileira não deixa esperanças de cisão objetiva com a lógica, pois

O domínio absoluto do capital, isto é, a transformação de tudo em mercadorias, se realiza, na relação dos seres humanos com a natureza, na forma de uma manipulação total desta. A própria natureza se torna um artefato fabricado pela sociedade por meio de grandes complexos financeiro-agro-industriais. Esta mercantilização da natureza não apenas retira os meios de subsistência das antigas massas de camponeses, realizando uma expropriação em escala planetária, como põe em alarmante risco a preservação do planeta. A vitória do trabalho morto (capital acumulado) sobre o trabalho vivo é essencialmente um domínio da morte sobre a vida, e este é um dos sentidos mais elementares da fase tardia do capitalismo (MENEGAT, 2007, p. 30)

Neste trabalho o termo de maior cuidado será barbárie, por implicar a caracterização de um tempo histórico composto por sucessivas crises e determinante do nosso declínio enquanto humanidade. Apesar de pessimista, o esforço aqui dedicado será na intenção de, compreendendo como funciona e porque se apresenta desta forma, possamos pensar amplamente a formação humana praticando a denúncia como instrumento de luta, ou seja, o problema precisa ser encarado pela própria humanidade sedenta de mudança.

A atualidade da formação no contexto da barbárie: entraves e possibilidades

Somos apenas uns homens
e a natureza traiu-nos.
Há as árvores, as fábricas,
Doenças galopantes, fomes.

Carlos Drummond de Andrade - O Medo

A última década no Brasil apresentou um declínio substancial para a Educação Básica, apesar da maior proximidade das inovações tecnológicas. Dois pontos são principais nessa discussão. Em primeiro lugar, o desrespeito para com a docência. Basta perguntar aos profissionais na ativa e ouviremos que as escolas sem infraestrutura, sem autonomia e a base de ameaçadas políticas tem trabalhado na dialética da asfixia². Em segundo lugar, a relação estabelecida com o conhecimento tem se tornado frágil e precária, consequência da velocidade na dinâmica assumida como principal característica da atualidade. Como a investida tem sido em imprimir os conteúdos em cursos duvidosos e, normalmente a distancia, fazendo estudos parecerem obsoletos.

² Expressão utilizada na aula de Tópicos Especiais em Teoria Social, na UFRJ, com o professor Marildo Menegat.

Exatamente no momento em que este trabalho é produzido, sucessivos abusos são cometidos no campo político como consequência do desrespeito ao trabalhador e sua condição de subalterno. Um exemplo simples, porém, grosseiro foi *a Campanha “O Petróleo Tem Que Ser Nosso” em que o governo convocou a população do Rio de Janeiro a participar de um ato “alternativo” nas esquinas da Rua São José com a Avenida Rio Branco, no espaço conhecido como Buraco do Lume, no último dia dez de novembro deste ano.* O absurdo está no fato de as prefeituras submetidas ao Partido dos Trabalhadores – PT, “recrutar” seus funcionários contratados para o ato público e festivo. Cada secretaria “enviou” o quanto pode e, no caso daqueles alocados nas escolas, até o transporte foi providenciado para garantia de presença do indivíduo no ato.

Os depoimentos de participantes são ainda mais interessantes quanto aos shows e bebidas distribuídas. *A chamada anunciava: os manifestantes vestirão a camisa vermelha da campanha “O Petróleo Tem Que Ser Nosso!”.* Minimamente, é estranho num país que reprime constantemente, com violência, revelações contra a ordem. Os movimentos sociais e partidos enfrentam hoje uma crise caracterizando esvaziamento, descrédito, resultante de um enfraquecimento da articulação da luta política e do intenso processo de criminalização desenvolvido no país.

Não é o caso de entrarmos na reivindicação da campanha em si, mas sim, no exemplo do fato de impor aos trabalhadores submetidos a contrato, portanto, ameaçando-os pela fragilidade na manutenção do emprego precário e à base de rédeas. A questão que nos parece pertinente diante da complexa realidade brasileira hoje é: por que apesar de chegarmos ao momento auge da produção tecnológica e das forças produtivas, da difusão do conhecimento científico, das exigências constantes de escolaridade, demonstramos imobilismo, desinteresse político e, lamentavelmente, descaso com a busca do saber que serviria para tornar independente – desvalorização do conhecimento como impasse para a emancipação humana.

O Brasil é um país ainda jovem e possui uma especificidade histórica de atraso na formação como nação e na sua modernização, advindos do próprio processo colonizador exploratório do qual foi vítima. Tivemos um “desenvolvimento” a partir de endividamento e injeção de cultura de fora (lixo industrial), servimos de quintal para os interesses imediatos dos países centrais. De certa maneira, essa combinação desigual justifica o contexto de precariedade e negação no que diz respeito aos direitos civis, especialmente, moradia, acesso a cultura, ao lazer e a educação de qualidade. À classe subalterna, no Brasil de hoje, resta cumprir as demandas do cotidiano competitivo numa conjuntura que reúne os avanços da modernidade e os traços de atraso em alguns

setores, como se em algum momento o tempo tivesse parado (características do subdesenvolvimento, marcas do velho)³.

A lei do desenvolvimento desigual e combinado é uma lei científica da mais ampla aplicação no processo histórico. Tem um caráter dual ou, melhor dizendo, é uma fusão de duas leis intimamente relacionadas. O seu primeiro aspecto se refere às distintas proporções no crescimento da vida social. O segundo, à correlação concreta destes fatores desigualmente desenvolvidos no processo histórico (NOVACK, 1988, p.9).

Interessa-nos tratar do resultado dessa combinação atrelado a fase imperialista do Capital na forma prática das relações sociais e, por consequência, no acesso à Educação em um país como o Brasil. Sentimos na pele os déficits de conteúdos elementares que só fazem contribuir com a ausência de consciência individual e coletiva. Na mesma medida em que o conhecimento torna-se fluido através da internet, a “disposição” de todos. A forma de combinação do arcaico com o moderno passou a se expressar, também, na própria constituição dos sujeitos e dos coletivos de sujeitos – pessoas na aparência avançadas, modernas, no conteúdo extremante arcaico e atrasado. Isso é possível porque fazer uso de tecnologias não necessariamente exige ampliar conceitos dispensando os pré-conceitos.

Valem-nos muito os esforços de teóricos da atualidade em analisar a evolução capitalista na sua complexidade e contradição inerente. Pois, nos ajudam a pensar a importância da centralidade da educação na compreensão tanto das disputas entre as classes quanto na construção de um novo homem, sem as amarras do capital, mas sim, dono de sua produção material e intelectual. É preciso não duvidar da existência de solução para as mazelas sociais e da recuperação do ser social maltratado pela conjuntura – a teoria revolucionária já foi escrita falta-nos uma melhor apropriação dela e sua realização e, porque não, de uma filosofia da práxis, como nos diria Gramsci. Porém, sem a ilusão de encontrar um sujeito revolucionário construído pela via da consciência de classe e que, por conseguinte, será um redentor. Desta vez, pode não haver um sujeito revolucionário, mas as massas de miseráveis descontentes.

Segundo Menegat, o conceito de barbárie desde a sua ideia inicial, elaborada pelos gregos, veio se modificando no curso da história a partir das grandes transformações sociais (declínios e surgimento de novos regimes) e designa o ápice da necessidade destas transformações, *na medida* em que os fundamentos de uma forma social são corroídos por suas contradições é necessário *revisitá-los* (MENEGAT, 2007, p. 27).

³ Este trecho refere-se a teoria do desigual e combinado do marxista russo León Trotsky e neste trabalho é admitida para compreender o “desenvolvimento” político e econômico do Brasil até os dias de hoje. Novamente fazendo referencia as discussões travadas por Menegat.

O trabalho no capitalismo produz degradação e desqualificação na vida humana, em larga escala, com isso lança um contingente de inúteis para o mundo. Seria preciso refazer a relação dos sujeitos com o próprio mundo. O trabalho não mais integra, produz, identifica e educa como condena nossa liberdade. O potencial formador do trabalho enquanto realização de uma tarefa pensada, reflexiva mantém-se ainda vibrante na discussão acadêmica, porém, como atividade assalariada obrigatória deve ser superada. O que o homem precisa agora é dedicar seu potencial para aproveitar o que já foi produzido tecnologicamente para facilitar sua existência.

Além da precarização do trabalho, a consequente condição indigna do salário (como meio de garantia da existência) outro complicador na medida em que só pode garantir uma existência medíocre e insistentemente desqualificada para a vida sem contribuir com as condições de superar as lacunas deixadas pela escolaridade. Frequentar cinema, ir ao teatro, participar de eventos culturais, viajar fazem parte da formação integral do homem, mas a posição indigna de classe não permite. Para Castel, *o salário, para escapar de sua indignidade secular, não pode se reduzir à simples remuneração de uma tarefa; a necessidade de preparar para cada um, um lugar numa sociedade democrática não pode ser realizada por meio da completa transformação da sociedade em mercadoria, cavando qualquer “jazida de emprego”* (CASTEL, 2008, p. 497).

A expressão escolhida pelo autor comporta o peso inevitável da crueldade realizada, na base da classe trabalhadora, onde os sonhos e os esforços tornam-se depositados num “sepulcro”. Não há esperança de uma real e digna mobilidade social quando tudo começa desvinculado de sua razão essencial, ou seja, o modo de produção da vida (o trabalho) transforma agora o ator principal do processo em mera mercadoria. Na atualidade das medidas do capital o próprio homem compõe a esteira de produção, submetido a adequações necessárias na ampliação do lucro dos empregadores. Torna-se necessário enfatizar o debate da precarização do trabalho, segundo Castel, pois só assim poderemos *compreender os processos que alimentam a vulnerabilidade social e produzem, no final do percurso, o desemprego e a desfiliação* (CASTEL, 2008, p. 516).

Essa atmosfera de precarização e desqualificações vai, aos poucos, dividindo espaço com a classe dominante esbanjando consumo excessivo e desperdícios. Elabora, ideologicamente, as estratégias de manutenção da ordem através da mídia, da cultura de massa, baseada na falsa ideia de *consenso*. No lugar de conflitos de classe promove-se a conformação da posição de subordinado e ainda defensores da ordem como uma espécie natural do processo histórico – imutável condição para o subordinado, restando apenas o esforço de se tornar empreendedor para melhor se “colocar” nos espaços.

Lima e Martins afirmam: *outra evidência relaciona-se à negação da história como processo de luta de classes, isto é, uma complexa e intensa dinâmica das relações sociais, concebendo-a como um aglomerado de fragmentos, descontinuidades ou etapas, o que inviabilizaria qualquer tentativa humana de apropriar-se de seu próprio destino, somente restando ajustar-se ao existente* (LIMA e MARTINS, in: NEVES, 2005, p. 48).

Contudo, não podemos negar a onda de violência contra a base da classe trabalhadora, como também, aos que estão obrigatoriamente fora dela. A pobreza é criminalizada diariamente como política de extermínio e controle, assim como, é nítida a ação nefasta, em relação às populações étnicas, vítimas de absurdos praticados pelo Estado brasileiro. Seja na asfixia do homem do campo obrigado a abandonar a terra, seja no descaso com a população pobre da cidade, estamos assistindo ao caos generalizado.

Estas novas levas de massas expropriadas para as mega-cidades já superpovoadas produzem um quadro explosivo de miséria, violência e catástrofes, sejam elas produzidas por epidemias ou por desastres urbano-ambientais. Não há saídas em curso dentro dos marcos da sociedade burguesa. Esta é uma situação que faz parte do arcaico recriado pelo capitalismo na era do seu triunfo. A ideologia liberal do individualismo abstrato, que diz ser possível por meio do esforço individual se subtrair a estas condições e prosperar, não encontra mais evidências empíricas. A mobilidade social está esgotada e, deste quadro, a perspectiva é de permanente piora, ora lenta, ora acelerada, sendo as classes subalternas a própria matéria sobre a qual a estrutura da sociedade burguesa desmorona (MENEGAT, 2007, p. 31).

E ainda, é nessa perspectiva que se expressa o problema de repensar a questão da centralidade da categoria trabalho numa realidade sem trabalho. É desconsiderada sua relação com a constituição humana. A produção humana na sua evolução é ao mesmo tempo, produção social e do ser na sua individualidade e subjetividade e, não sendo preocupação coletiva, a própria coletividade sairá perdendo. A evolução do homem das cavernas aos dias de hoje só foi possível pela via do trabalho, produtor de saberes e tecnologias, conhecimentos e ciências. Sendo assim, é importante frisar que se somos seres coletivos quando o conjunto não vai bem de alguma forma as individualidades serão afetadas.

Na mesma medida em que o projeto hegemônico burguês vai se expandindo e se fortalecendo como classe dominante, as relações de poder têm se tornado complexas, pois, o contexto social é dinâmico e dependente da correlação de forças existentes. Logo, a burguesia cede a alguma participação da classe trabalhadora organizada quando a conjuntura convier. O exemplo citado no início do texto pode servir para ilustrar uma suposta abertura ao povo diante da conveniência do próprio Estado em relação ao petróleo. Segundo Souza,

Como forma de expressão política dessas mudanças estruturais, no campo superestrutural, as relações de poder têm se tornado cada vez mais complexas, na medida em que a burguesia tem sido obrigada a ampliar os espaços de participação da classe trabalhadora organizada como mecanismo de mediação do conflito de classe. Para manter sua hegemonia a partir de condições renovadas de construção do consenso, a burguesia tem necessitado formar determinadas competências sociais no conjunto da classe trabalhadora que consistem na disseminação de uma pedagogia política capaz de conformar ética e moralmente a sociedade civil nos limites das leis do mercado, sob condições renovadas, mais de acordo com o estágio atual do desenvolvimento do capital (SOUZA, 2010, p.134).

Segundo o autor, a burguesia tem sua pedagogia política e para renová-la, e assim aperfeiçoar a construção do consenso em torno da sociabilidade burguesa, ela vem impulsionando *a redefinição do papel do Estado e incitando uma ‘nova’ cultura cidadã fundada no individualismo e na competitividade, regulada pela lógica mercadológica* (SOUZA, 2010, p.134).

A Educação caberá como política social para o Estado capitalista exercendo um papel importante na conformação da ordem estabelecida, porém, obviamente como o contexto social é contraditório ela também servirá de pólo das disputas na correlação de forças dos interesses de classe. A classe dominante, mesmo com um discurso sedutor de ampliação de oportunidades (Educação para todos) e resolução de problemas sociais, está permanentemente desqualificando os sujeitos sociais, apesar de dar esperanças de um futuro melhor. O que temos hoje, no que diz respeito à formação para a massa, é apenas a desqualificação social, profissional, econômica e individual, distanciando cada vez mais do conhecimento aprofundado e apropriado para a contestação da ordem.

A política pública para a Educação, ao mesmo tempo em que serve para atender as demandas de produtividade e competitividade das empresas, também funciona como aparelho privado de hegemonia capaz de mediar conflitos de classe que emergem da desigualdade de oportunidades geradas pelo desemprego estrutural. A forma mais comum desta pedagogia da hegemonia tem sido a propagação da idéia de que a razão do desemprego é a carência de qualificação profissional (SOUZA, 2010.p. 138).

No contexto das transformações político-econômicas interessa a burguesia preparar a classe trabalhadora no movimento das tendências industriais capacitando para a realização das tarefas no mesmo passo em que aprende a “vestir a camisa” da lógica do empregador. Essas adequações têm contraditoriamente dupla função: exercita a relação entre educação e trabalho apesar de não fugir dos limites da valorização do capital. Por um lado, socializa novos saberes produzidos, por outro, alimenta o desenvolvimento do potencial produtivo interessante para a burguesia.

Diferentemente da composição do povo trazido no contexto político da primeira parte da obra de Castel, os sujeitos sociais de hoje estão na velocidade da globalização tendo acesso a todo

tipo de informação sem limites geográficos, porém, sem possibilidade de realizar uma crítica consciente. A precarização da formação humana esteve na mesma direção do avanço tecnológico e científico nos últimos anos. Desenvolvemos tecnologias sofisticadas, mas produzimos alienados, como nunca, curiosamente. E ainda, retomamos a dicotomia entre trabalho manual e trabalho intelectual, na medida em que os sujeitos de pouco acesso ou de formação precarizada continuam apropriados para o exercício das funções subalternas. A diferença hoje é que esses trabalhadores são instruídos, pelas empresas, a adotarem um comportamento e um discurso ajustado ao bem servir com aspecto de “moderno” mesmo que fora do trabalho a experiência seja destacadamente o arcaico.

Os campos político, econômico e cultural de uma sociedade formam um todo que trazem em seus desdobramentos um caráter educador, exatamente, na complexidade e na contradição. No ideal da obra “A nova pedagogia da hegemonia”, as ações do Estado e a da lógica empresarial são educadoras e acontecem para além dos muros da Escola; por isso, admite-se uma pedagogia. Assim como a Educação não se restringe a espaços específicos, o ideal está expresso desde as campanhas da mídia até os menores projetos sociais destinados aos desfavorecidos. Entre os programas de entretenimento de domingo e as campanhas de qualificação profissional do governo, os sujeitos de direito se constituem no mesmo quadro social que os submissos sem escolha, sendo o segundo grupo a maioria.

Para o teórico Antonio Gramsci, a Educação tem a função de consolidar o poder hegemônico ou contra-hegemônico, pois garante um exercício fundamental em termos de cultura e ideologia o que a coloca a serviço dos principais interesses da organização social. Segundo ele, a Escola pode ser, portanto, um espaço de formação de intelectuais capazes de intervir nos diversos setores sociais como dirigentes do coletivo à “disposição” dos mesmos. Pode ser um espaço de luta contra a dimensão ideológica da dominação de classe na sociedade capitalista.

No projeto filosófico e educacional gramsciano o que está em pauta é a emancipação da humanidade, de preferência pelo consenso⁴, garantindo autonomia, realização em condições de humanização. Uma proposta filosófica para a construção de uma civilização cosmopolita, pois, os homens precisam assumir sua condição de filósofos e intelectuais, condição propriamente humana. A Educação deve elevar o homem do senso comum à consciência filosófica sendo elaborada do ponto de vista ético, estético, técnico e político no exercício da subjetividade. A Educação veiculada pela escola deve possibilitar o exercício da reflexão crítica.

⁴ Consenso na concepção da teoria gramsciana, no sentido da comunhão de ideias debatida e exercitada coletivamente, onde os sujeitos têm consciência do processo.

A escola a partir da dialética pedagógica explicita a ideologia dominante e pode construir uma contra-hegemonia. Seja qual for a ideologia dominante a escola precisa preparar para a crítica elaborada com autonomia, que permita ao sujeito constituir-se livremente.

Nessa perspectiva o sujeito é concebido como atuante no contexto em que estiver inserido e para tanto dependerá de uma formação completa, ativadora de todas as suas potencialidades. Gramsci elabora, então, uma proposta de Escola Unitária, entendendo o homem como produtor de sua própria história e, portanto, pretendendo preparar agentes políticos conscientes de sua importância para a manutenção ou rompimento com o poder hegemônico. Um sujeito autêntico e crítico, realizado pelo trabalho, tem condições de avaliar e decidir novos rumos para a coletividade.

As críticas de Gramsci são severas ao mecanicismo instalado na Educação; se avaliasse as escolas brasileiras nos dias de hoje, principalmente, as destinadas aos trabalhadores seria enfático quanto a essa característica como veremos suas palavras abaixo resgatadas por Nosella:

Para o proletariado é necessária uma escola “desinteressada”. Uma escola que dê à criança a possibilidade de se formar, de se tornar homem, de adquirir aqueles critérios gerais necessários para o desenvolvimento do caráter. Uma escola humanista, em suma, assim como a entendiam os antigos e mais próximos homens do Renascimento. Uma escola que não hipoteque o futuro do garoto, nem obrigue sua vontade, sua inteligência, sua consciência e informação a se mover na bitola de um trem com estação marcada. Uma escola de liberdade e livre iniciativa e não uma escola de escravidão e de mecanicidade. Também os filhos dos proletários devem ter diante de si todas as possibilidades, todos os campos livres para poder realizar sua individualidade de formar melhor, e por isso no modo mais produtivo para eles e a coletividade. A escola profissional não pode se tornar uma encubadeira de pequenos monstros mesquinamente instruídos para um ofício, sem ideias gerais, sem cultura geral, sem alma, possuidores apenas de um olhar infalível e de uma mão firme. (NOSELLA, 2004)

Gramsci utiliza em seus escritos, especialmente, no jornal do PSI, “O Grito do Povo” de outubro de 1914⁵, momento inicial da 1ª Grande Guerra Mundial, a expressão escola “desinteressada”. O termo “desinteressado” é intrigante e irá marcar incisivamente as divergências originais dos planos de sociedade do projeto marxista de mundo. Gramsci provoca a reflexão quando oferece esse termo (*cultura desinteressada, escola e formação desinteressadas*) que conota *horizonte amplo, de longo alcance, isto é, que interessa objetivamente não apenas a indivíduos ou a pequenos grupos, mas a coletividade e até a humanidade inteira.* (NOSELLA, 2004, p.42). Em sendo o vocábulo interesse muito comum no capitalismo usar seu antônimo implica em movimentar o imaginário das pessoas exatamente para o que se deseja romper – com o interesse pessoal dos desejosos de lucro e de nenhuma humanidade.

⁵ Sobre esta informação ver “A Escola de Gramsci” de Paolo Nosella, também no referencial bibliográfico deste trabalho.

Qual é hoje a condição humana no contexto histórico do desenvolvimento do capital? Condição de miséria social que, mesmo com tantos avanços inteligentes já produzidos, condena a espécie. Porém, em se tratando de miséria produzida o problema é ainda mais grave. Ao submeter sua espécie a esta condição o homem prova não tomar consciência de que este feito é a própria condenação. Nesse sentido, tomar consciência do potencial educador dos projetos políticos de governo, que controlam a mídia, contaminam a arte, distorcem acontecimentos e enfraquecem a luta por uma vida digna, é estratégico contra o projeto hegemônico. Ou seja, pensar numa formação capaz de dar subsídios para que o sujeito reflita sobre o potencial educador dos projetos políticos em disputa para, a partir daí, assumir sua posição no mundo compreendendo o significado de ser humano.

O projeto capitalista de Educação é exatamente o contrário do ideal gramsciano. A formação baseia-se na intensificação do consumo, ou seja, exercita cotidianamente o ter em detrimento do desenvolvimento do ser. Neste projeto, a Educação está, lamentavelmente, com mais força nas mãos da mídia, instrumento da ideologia dominante, que propriamente orientada pela escola. O projeto ideológico do capital, atualmente neoliberalismo, minimiza a ação da escola e investe nas propagandas do consumo, do empreendedorismo, na lógica do descartável. Gramsci, no entanto, está pensando a Itália do século XX num contexto diferente do que experimentamos hoje. Traduzia, apesar dos horrores que sofreu, uma esperança de recomeço. Apostava na Educação (politizada e instrumentalizada) como pilar da reconstrução do seu país e como meio de transformar a realidade mundial.

As anomalias sociais do mundo contemporâneo são observadas cotidianamente sem nenhuma perplexidade. Pessoas na mais estúpida miséria, crianças sem a menor chance de “ser”, ou escolher ser, num quadro caótico (de relações e condições materiais) aceito como natural apesar de sermos da mesma espécie – ou seja, barbárie. O conhecimento aprendido na escola não tem servido para preparar um olhar crítico reflexivo em que, percebendo os absurdos, não permitíssemos sua continuidade. A escola é ao mesmo tempo mantenedora do sistema político-econômico vigente e produtora de condições para um projeto contra-hegemônico. Pode formar cada sujeito "como pessoa capaz de pensar, de estudar, de dirigir ou de controlar quem dirige" (GRAMSCI, 2000a, p. 49), de trabalhar a interferência autônoma, deste sujeito, na dinâmica política em condições de entendê-la profundamente, tendo a decência de garantir os direitos do coletivo acima dos interesses pessoais. Entretanto, o desempenho da Escola depende do modelo social organizado, pois a instituição atenderá aos interesses em potencializar e manter o mesmo.

Admitimos que uma possibilidade para reconstruir o caminho de uma nova racionalidade passa pelo campo do conhecimento sensível, compreendendo a *dimensão estética que é o meio onde*

os sentidos e o intelecto se encontram (MARCUSE, 1968 p. 161) como a veículo nesse caminho. Significa apontar a estética como projeto de contracultura, isto é, como estratégia de rebeldia à cultura de massa imersa na barbárie. Contudo, é importante assumir a dificuldade desse desejo de mudança, quando o que impera é o pessimismo diante das condições materiais comprometedoras das relações humanas, do potencial humano. É preciso que enxerguemos a estética como possibilidade de produção epistemológica do sensível; trabalhar com o sentimento sobre o real, com o potencial libertador da sensibilidade estética. A arte que não precisa ser revolucionária pelo seu conteúdo sobre a revolução, mas pelo movimento que liberta a fantasia e a imaginação por meio das formas lúdicas da experiência de sentir o mundo (dinâmico e complexo).

Considerações finais

O caráter mutante da ordem capitalista vai escrevendo a história dos homens à revelia da maioria controlada pela luta em sobreviver. Tem sua emancipação individual e coletiva, pela via da formação teórica, negada. É preciso discutir uma proposta de formação/emancipação humana, com bases sólidas num projeto político de sociedade, porém, sem alimentar falsas ilusões com a atualidade perversa do capitalismo. Com a humanidade subjugada, entregue a barbárie não haverá futuro. Entendendo que o homem é a composição do seu tempo histórico, das relações que estabelece, da conjuntura política, e ainda de subjetividade, podemos pensar que uma nova racionalidade seria possível, entretanto, não surge do nada. Nesse contexto de plenitude da barbárie surgiria talvez da emergência violenta da própria massa de miseráveis produzidos pelo sistema.

A consolidação do poder hegemônico ou contra-hegemônico depende da participação da coletividade fazendo parte um exercício fundamental de ‘ser’ no mundo. O tipo de sociedade determina o tipo de homem e vice-versa, se possuímos uma imensa maioria de ignorantes é porque os produzimos socialmente. A Escola é, portanto, um espaço de formação dominado pelas rédeas do Estado e, por consequência, pelo Capital, ocupada em certificar a manutenção dos interesses destrutivos do sistema. A Educação como mercadoria tem se realizado com maior impacto pelos meios de comunicação, pela ordem da concorrência e produtividade, por decretos de governo, pela mundialização da lógica do mercado – pela própria barbárie.

Desde o enraizamento dos ideais capitalistas o mundo tornou-se uma única sociedade (a aldeia global), onde os países mais pobres são as periferias e cada espaço tornou-se um quadrado onde pessoas devem adaptar-se as tendências ditadas pelo grande capital. *O desenvolvimento do capital é, por natureza, expansionista, mundializado e incontrolável* (SOUZA, 2008, p. 313).

A barbárie de hoje é fruto de excessos que não terão limites pela própria razão de existência do sistema. Conter esses excessos depende de ruptura, não obstante, a própria barbárie é a indicação de necessidade de ruptura, como estágio final aguardando apenas a disposição dos homens para dar fim em nome da condição de sobrevivência da humanidade. Somente uma nova racionalidade contra a lógica da mercadoria libertaria do homem das amarras dessa “epidemia social”.

Nas crises declara-se uma epidemia social que teria parecido um contra-senso a todas as épocas anteriores – a epidemia de sobreprodução. A sociedade vê-se de repente retransportada a um estado de momentânea barbárie... E por quê? Porque a sociedade possui “civilização em excesso” (MARX, 1982, p.112).

Em suma, produzir crítica à atualidade do Capital e provocar a rebeldia coletiva se faz urgente, mas depende em parte da própria coletividade imersa na barbárie. Não há espaço para projeto de formação íntegra pretendendo humanizar e preparar homens capazes de contribuir para o desenvolvimento integral de outros homens no contexto da barbárie. Considerando a complexidade humana, podemos ousar dizer que sempre iremos lutar por hegemonia, nunca haverá consenso. Uma Educação que dê condições de questionar a ordem e de construir coletivamente uma nova hegemonia superando a sociedade de classes essencialmente desigual, só se produzirá na expressão máxima da radicalidade – a revolução. Como diria István Mészáros *uma Educação que produza insubordinação, rebeldia, que redescubra suas relações com o trabalho, com o qual compartilha, entre tantas coisas, a alienação... uma educação para além do capital* (MÉSZÁROS, 1930, p. 16). Somente será possível em uma nova base material como indicam os autores trabalhados. Nosso papel hoje é de denunciar.

Referências bibliográficas

BUFFA, Ester; NOSELLA, Paolo. **A educação negada**: introdução ao estudo da educação contemporânea. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

CASTEL, Robert. *As metamorfoses da questão social: uma crônica sobre o salário*. Trad. Iraci D. Poletti. 7. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

FURTADO, Celso. **Reflexões sobre a crise brasileira**. Revista de Economia Política, vol 20, nº 04 (80), outubro-dezembro/2000.

FROMM, Erich. **Conceito marxista do homem**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

GADOTTI, Moacir. **Concepção dialética da educação**: um estudo introdutório. 7. Ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1990.

GRAMSCI, Antonio. Caderno 12 (1932) Apontamentos e notas dispersas para um grupo de ensaios sobre a história dos intelectuais. In: _____. **Cadernos do cárcere**. Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. 4. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. V. 2, p. 15-53.

MARCUSE, Herbert. Eros e Civilização. Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.

MENEGAT, Marildo. **A atualidade da barbárie**. Antivalor Artigos. Rio de Janeiro, 1994.

_____. **A crise da modernidade e a barbárie**. Physis: Rev. Saude Coletiva, Rio de Janeiro, 2000.

MÉSZÁROS, Istvan. **Educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2002.

MOCHCOVITCH, Luna Galano. **Gramsci e a escola**. São Paulo: Ática, 1988.

NEVES, Lúcia Maria Wanderley. **Educação e política no Brasil de hoje**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1999.

NEVES, Lúcia Maria Wanderley (Org.). **A nova pedagogia da hegemonia: estratégias do capital para educar o consenso**. São Paulo: Xamã, 2005.

NOVACK, George. *Desenvolvimento desigual e combinado da sociedade*. Rabisco Criação e Propaganda Ltda, 1988.

PONCE, Aníbal. **Educação e luta de classes**. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SOUZA, José dos Santos. Trabalho, educação e luta de classes na sociabilidade do capital. In: SOUZA, José dos Santos; ARAÚJO, Renan (org). **Trabalho, educação e sociabilidade**. Maringá: Práxis: Massoni, 2010.